ANO II—N.º 523 PREÇO, 5 CENTAVOS Terça-feira, 14 de Setembro 1920

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico *Talhaba—Lisboa* • Telefone 2

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

OS METALÚRGICOS ITALIANOS

UM GESTO AUDACIOSO

De posse das fábricas

Mercê da agitação que tem convulsionado, nos últimos dias, a população operária portuguesa, não tem podido *A Batalha* consagrar a devida atenção aos extraordinários acontecimentos de que a Itália tem sido teatro, acontecimentos que impõem a organização operária daquele país latino como uma das mais avançadas e perante a qual o govêrno italiano tem mantido uma prudente atitude, que contrasta singularmente com a que costumam revelar todos os govêrnos em face de acontecimentos de importância mais secundária.

Conforme dissemos, às reclamações de aumento de salário dos seus empregados, respondeu o Conselho Federal da Indústria Mecânica e Metalúrgica de Itália com o agora tam usado *lock-out* e os operários desta indústria resolveram unânimemente apoderar-se de tôdas as fábricas e pô-las a trabalhar por sua própria conta, comprovando por êste modo onde está a verdadeira vontade de produzir e de acudir às grandes necessidades do momento.

Com êste belo gesto, cheio de audácia, os metalúrgicos italianos acabam não só de mostrar a falsidade das afirmações de certos escrevinhadores a sôldo da burguesia, que diziam ser sobretudo o desejo de gosar uns dias de ociosidade que levava o proletariado com mais facilidade para as greves, mas também que mentiam aqueles que sustentavam que rebentando por acaso, ámanhã, a revolução social, todo o operariado, bem o látego dos senhores, cruzaria os braços e não pensaria mais no trabalho.

Felizmente os factos estão desmentindo tôdas essas afirmações gratuitas, pois que por tôda a Itália—nas grandes e pequenas cidades, em todos os estabelecimentos atingidos pelo *lock-out*—trabalha-se activamente com ordem, com seriedade e com aquela disciplina expontânea e consciente, provenientes do livre entendimento e nunca da coacção, e das imposições dos superiores.

Por tôda a parte reina o maior entusiasmo, e sôbre tôdas as fábricas flutuam a bandeira vermelha ou a negra, estando as «sereias» sempre prontas a darem o sinal de alarme, quando, por acaso, se esboça qualquer ataque da força armada contra o edifício. Por enquanto, tudo tem decorrido pacificamente, sem a intervenção da autoridade—o que não quer dizer que ela não se venha a dar bem depressa—e, a não terem alguns incidentes por ocasião da ocupação das fábricas, tudo se tem passado sem scenas violentas. Só em Génova é que há a registar a morte dum operário, assassinado pelos soldados da guarda régia dentro da oficina Odero, apesar de lhes terem dado ordens *para não oferecerem resistência aos assaltantes.*

Em Roma os operários nem quizeram abandonar de noite as oficinas, tendo sido organizados serviços de guarda, de vigilância, etc., senão sobretudo as mulheres as encarregadas de vigiarem o inimigo e de darem o sinal de alarme para a defensiva. As sereias das fábricas já por várias vezes teem gritado «às armas», mas, até às últimas notícias de lá recebidas, tem sido tudo sempre por equívoco.

Os operários agora mostram-se já dispostos a *trabalhar mais horas*, desde o momento que se mantenha a actual situação.

Em Milão realizaram, na Câmara do Trabalho, um imponente comício os empregados dos escritórios e os técnicos das fábricas, tendo resolvido continuarem a trabalhar de comum acôrdo com os operários, pois que como eles—embora quási sempre mais bem pagos—sofrem também a escravidão do patronato.

Como já dissemos, êste movimento estende-se a tôda a Itália, de forma que se torna inútil, e mesmo é quás impossível, enumerar só as oficinas ocupadas nas grandes localidades.

A União Sindicalista Italiana, em vista da solidariedade manifestada pelos trabalhadores de outras indústrias e da agricultura para com os seus camaradas metalúrgicos, resolveu convocar uma conferência de todos os organismos proletários e subversivos, para que em todo o país simultâneamente, até na mais pequena aldeola, se tome posse de tôdas as fábricas, minas, casas, etc., esmagando assim por uma vez o patronato.

O diário anarquista italiano de Milão *Umanita Nova* escreve também que, para evitar a super-produção de máquinas, e que os trabalhadores teriam que cruzar os braços àmanhã, seria bom procurar maneira de as enviar para a Rússia imediatamente. E a êste respeito diz o seguinte:

«Os operários metalúrgicos entregariam aos ferroviários os vagons carregados com todos os produtos; os ferroviários leva-los-iam até aos portos; os carregadores transportá-los-iam para bordo dos navios; e os marinheiros encarregar-se-iam de os levar ao seu destino.

Tudo isto sem que ninguêm tenha topor-se-lhe, porque assim como os ferroviários e os marítimos souberam recentemente mostrar que podem impedir o transporte de armas e soldados para alimentar novas guerras, também poderiam provar que sabem transportar, onde melhor o entendem, os produtos necessários para que milhares de trabalhadores possam tornar gloriosa e definitiva a sua experiência social.»

O conselho directivo socialista e a Confederação do Trabalho acordaram em fazer estender o movimento a tôdas as profissões, no caso de o conflito metalúrgico de Milão não ser resolvido duma maneira favorável para os operários. Deixará então de ser um conflito de índole económica para se tornar num conflito político. Far-se-há um apêlo a todo o proletariado para conseguir a socialização de todos os meios de produção e tratar-se há não só duma paralização geral como da ocupação das fábricas pelos trabalhadores.

No entanto, os jornais burgueses julgam que o conflito se resolva com a oferta que os grandes industriais fizeram, a qual consiste em aumentar 20 % nos salários. Mas não parece assim tam fácil a solução do conflito, visto que os mesmos grandes industriais se negam a tratar com os operários emquanto estes não tenham evacuado completamente as fábricas, o que os primeiros não querem fazer. Espera-se, porêm, breve resolução do conflito.

Em Turim, dois operários que foram aviadores durante a guerra lançaram sôbre a cidade manifestos bolxevistas. Indica isto que os operários teem também aeroplanos em seu poder. No domingo passado correu o boato de que os operários, munidos de automóveis blindados, iam apoderar-se da cidade. Por êsse motivo as tropas ocuparam as ruas. A tranqüilidade é completa, segundo consta.

No dia 7 a Confederação Geral do Trabalho e o Partido Socialista italiano concederam um praso de dois dias aos industriais de todo o país para transigir nas reivindicações operárias, de contrário farão estender o movimento a tôdas as indústrias italianas, grandes e pequenas.

O preço do pão em Beja

DEPOIS DE QUATRO DIAS DE PARALISAÇÃO GERAL, AS CLASSES TRABALHADORAS RETOMAM O TRABALHO, AGUARDANDO O MOVIMENTO DA C. G. T.

BEJA, 10—C.—Mantiveram-se durante quatro dias em greve as classes trabalhadoras desta cidade, por motivo da subida do preço do pão, como já dissemos.

Apesar de ser o primeiro movimento desta natureza que aqui se desenha, pode-se afirmar que não se notou a menor defecção da parte de qualquer classe.

Depois de várias comissões instarem com o governador civil a fim de autorizar a reünir o povo para lhe ser dada conta dos trabalhos por elas efectuados, aquela autoridade lá concedeu a muito custo, mas nas condições de à reünião assistir um seu representante, no que foi atendida.

Assim, ontem à tarde, na futura Casa dos Trabalhadores efectuou-se uma sessão pública, que esteve concorridíssima por camaradas de ambos os sexos.

Aberta a sessão, falam José Marques Latas, José Guerreiro dos Santos e Francisco António Moreno, membros da comissão que foi junto do governador civil, que, depois de darem conta da sua missão, dizem que a autoridade superior do distrito prometera (como é da praxe) que iria, no mais curto praso de tempo, solucionar o conflito em benefício das classes trabalhadoras.

Segue-se Justino Aniano, referindo-se ao movimento pôsto em prática pela U. S. O. local, que, embora não atingisse o objectivo desejado, não se deve tomar como um fracasso mas sim como uma grande lição para o movimento nacional da C. G. T., terminando por afirmar que o aumento de salário não resolve o problema da vida cara.

Falam a seguir José Guerreiro Cambado, Manuel Martins e Manuel Ramos, que em breves e enérgicas palavras atacam a forma como o governador civil pretendeu solucionar o conflito. Estes camaradas são várias vezes interrompidos pelo representante da autoridade, ficando assim provado que não consentem que se digam as verdades, para à vontade poderem tripudiar sôbre a miséria do povo.

Depois o camarada José Guerreiro Cambado apresenta a seguinte moção:

Considerando que o decreto ultimamente publicado, que faculta ao lavrador poder vender o trigo a $56 o quilo, só por meio de um grande movimento nacional pode fazer-se revogar;

As classes trabalhadoras de Beja, reünidas em sessão pública, resolvem: retomar o trabalho e secundar o movimento da C. G. T.

Esta moção foi aprovada por aclamação, falando ainda o camarada Horta que convidou a fazer uso da palavra o representante da autoridade, o qual desistiu.

A sessão foi encerrada no meio de protestos e gritos de «abaixo a fome.»

União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa reúne hoje, pelas 20 horas, devendo comparecer todos os membros.

A reünião que hoje devia efectuar-se na sede dêste organismo, com as direcções dos sindicatos dos operários dos Tecidos de Seda e da União Têxtil, fica transferida para a próxima terça-feira, 21 do corrente, por motivo de fôrça maior.

NOTAS & COMENTARIOS

Um «boletim»... E' *A Vitória* o jornal de maior informação operária de todo o país. Sabe tudo, absolutamente tudo, desde as premeditadas greves gerais aos simples incidentes de oficina. Escusado será dizer que as suas informações são exactas, colhidas de boa fonte. Tem agência especial no govêrno civil... Se o operariado faz greve, *A Vitoria*, amiga de bem informar, anuncia sessões de propaganda; se se realizam sessões de protesto, é ainda *A Vitória*, sempre *A Vitória*, infalivelmente *A Vitoria*, o jornal melhor informado sôbre questões operárias; é ainda *A Vitória* quem proclama a greve geral nacional. *A Vitória* sabe tudo: o que acontece e o que não acontece; o que se pensa e o que se não pensa; o que se diz e o que se não diz. Mas sobretudo conhece o que se não pensa, o que se não sabe e o que se não diz.

Ela é modesta, é certo; não nos pediu directamente rèclame. Mas como as boas intenções se adivinham... temos obrigação de tornar *A Vitória* conhecida de todos os que trabalham. Já dissemos de seus méritos, já fizemos o reclame das suas virtudes. Vamos mencionar agora o seu preço: Número avulso, $05; assinatura, por três meses, para Portugal, colónias e Espanha, 4$50; seis meses, 9$00; um ano, 18$00.

—Olha *A Vitoria! A Vitoria!...*

Este anúncio, que irá satisfazer vontades secretas, é absolutamente gratis...

Verdades São do *Tempo* os seguintes períodos:

Os conservadores portugueses parecem prêsa da nossa desorientação mortal. Como se o exemplo da Rússia, da Itália, da Espanha, etc., não fôsse bastante, parecem apostados em oferecer à Europa mais um exemplo—o de Portugal.

Não esqueçam que o povo é uma fera, domesticada embora. Um dia o impeto ancestral, ressurge. E, então, fujam dele!...

A fome sempre foi má conselheira...

Não o poderiamos nós dizer melhor. Mas há ainda quem duvide. Que grande desilusão a dêsses, quando a revolta do povo os fôr surpreender, a meio da digestão!

Azeite Houve quem pagasse ontem 3$60 por um litro de azeite. Batatas ainda é possivel encontrar algumas à venda a dezoito vintens, mas a maioria dos negociantes pede já um cruzado por cada quilo. Estes géneros foram destabelados, mas é de crer que em breve voltem a ser incluidos nas tabelas, por um preço muito superior ao que hoje teem. E' aproveitar hoje, pois que ámanhã tudo estará mais caro. O que vale é o operariado ganhar bem, consoante afirma *A Vitoria*—sem o provar nem o demonstrar, segundo é norma daquele jornal.

O coronel e o pão *A Pátria*, há dias, também quiz saber a opinião dum coronel sôbre o novo regime de pão. Estamos daqui a ver o coronel, que é, como todos os coroneis, baixo, gordo, bigode grisalho, mosca branca no queixo, carnes espapassadas na garganta, salpicando perdigotos ao falar. O coronel é intestinalmente fraco, tem gases e outras complicações no interior devido à estafante ociosidade de tôda a sua vida. ¿Qual é, pois, a opinião do coronel àcêrca do decreto? Opta, é claro, pelos dois tipos de pão, porque só o de primeira qualidade não lhe altera os gases nem se lhe embrulha na tripa. E' caro? O coronel compra-o.

Tem que estar, portanto, uma população sujeita a não comer pão, porque só o pão alvo, macio, louro na côdea e a 1$70 o quilo, faz boa liga nos intestinos do obeso coronel...

Loucura lúcida Chamado o Supremo Tribunal de Justiça a pronunciar-se sôbre o processo que deu origem aos livros *Doida não!* e *Infelizmente louca*, sentenciou contra a sr.ª D. Maria Adelaide. Era de esperar. Anda dinheiro grosso na questão e a justiça em Portugal regula os seus ditames pelas somas que às mãos dos julgadores possam ir parar. E ninguêm protesta, e deixa-se consumar êste revoltante escândalo, que é ao mesmo tempo um crime indigno.

A greve geral em Setúbal

Ao contrário do que tem afirmado a imprensa burguesa, sabemos que ainda continua em Setúbal a greve geral por não terem desaparecido as causas da sua eclosão, que eram a falta de subsistências.

Como tôda a gente sabe, fôra ali, há dias, o presidente do ministério, acompanhado de outras entidades que muito se teem evidenciado na repressão àquelés a quem a fome obriga a protestar e a reclamar, no intuito de evitar que a greve se prolongasse.

Porêm, apesar de dizer que o movimento havia terminado devido à sua interferência, êle, segundo informações que vimos de receber, continua, porque as promessas feitas ainda se não tornaram em realidade. E' que o povo já não vive de prometimentos e farto está de ser ludibriado, contando só com o seu esfôrço para ver realizadas as suas aspirações.

Não tem subsistências o povo de Setúbal, mas não faltam metralhadoras e espingardas para se lhe abafar a voz.

E' má sina de todos os dirigentes: não sabem resolver o problema da carestia da vida senão com o aparato bélico de fôrças.

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA.

A MOAGEM CONTENTE

O POVO CONTINUA PROTESTANDO

Proíbindo as manifestações legais o govêrno provoca os consumidores

Cada vez se vai acentuando mais a incompetência do govêrno para resolver a questão do pão. O povo faz-lhe sentir o desagrado, por tôdas as formas. O govêrno não pode, portanto, alegar que ignora a voutade do povo. Poderia declarar-se incompetente ou cúmplice nas traficâncias da Moagem. Não o faz por amor ao *penacho*.

Razão alguma tem, portanto, o govêrno para continuar a fazer-se surdo ante as reiteradas queixas dos que se debatem com a fome; mas tem as armas, tem a polícia, que também não deve ter muito dinheiro para pão, e tem a guarda republicana, que pouco se importa com a carestia da vida. E' pois baseado na fôrça armada e nos insultos da *Vitória* que o govêrno mantêm o *decreto da fome*. E' assim, pela violência, mostrando as baionetas e as metralhadoras ao povo esfaimado que o govêrno resolve a questão das subsistências.

Quando povo não tem dinheiro para adquirir os géneros indispensáveis à vida, o govêrno dá-lhe balas. Gostavamos que o govêrno estivesse sujeito por alguns dias a um regime idêntico, para ver se achava bem.

Entretanto o povo continua protestando, como se pode verificar pelos extratos de várias sessões que a seguir publicamos.

Manifestações realizadas

Empregados de Escritório

A direcção da Associação dos Empregados de Escritório reünida anteontem protestou indignadamente contra o decreto que consigna os dois tipos de pão assim como a proíbição do comício promovido pela U. S. O.

Sindicato Unico Mobiliário

Na sua última assemblea foi ásperamente apreciado o decreto da fome, sôbre o preço elevado do pão, sendo aprovada uma moção, dando todo o apoio ao movimento encetado pela C. G. T., para levar a efeito a anulação dos dois tipos de pão, visto os trabalhadores não poderem suportar tam alto encargo.

Rurais de Lisboa

No domingo, pelas 21 horas, realizou-se na Associação dos Trabalhadores Rurais de Lisboa uma sessão de protesto contra a carestia da vida e contra o decreto dos dois tipos de pão, que esteve muito concorrida. Foi, por unanimidade, aprovada a moção da C. G. T., que ontem publicámos.

Protestos vários

O núcleo Juventude Sindicalista de Belêm, na sua última reünião, aprovou uma moção que conclui por propor se oficie à C. G. T. dando-lhe todo o apoio sôbre o movimento contra o decreto do pão e incitando-a a que não deixe de levar a cabo o projectado movimento contra a carestia da vida.

—A comissão administrativa do Núcleo Central da Juventude Socialista, na sua reünião de ontem protestou enérgicamente contra a forma como o govêrno procedeu, proibindo as sessões promovidas pela U. S. O. contra o decreto que criou os dois tipos de pão.

Na província e arredores

No Pôrto

Catraeiros de Leixões

Reüniu a direcção do Sindicato de Catraeiros de Leixões para apreciar o decreto sôbre o pão que fez elevar o seu custo extraordináriamente e portanto em condições de não poder ser adquirido pelas classes pobres.

Resolveu convocar todos os camaradas catraeiros para uma reünião na sua sede para se definir o caminho a seguir em face do citado decreto, que vem agravar a situação daqueles que produzem, condenando-os assim a morrer de fome.

Também deliberou protestar contra os autores de semelhante decreto e agir de acôrdo com as classes proletárias no sentido de atenuar por alguma forma a recária situação do operariado.

A 2.ª LEVA DA MORTE

Não é preciso fazer luz?

Uma nova carta do prêso, a cuja presença ainda não foram os que o acompanhavam na noite trágica

A' publicação da carta de Manuel Vieira, que tanta impressão causou, pelas revelações feitas sôbre a identidade do seu assassino, sobreveio o assalto à *Batalha*, que alguns negros bandoleiros do *Grupo dos 13*, secundados na sua torpe proeza por outros sicários, realizaram na noite de 28 do mês passado, supondo que assim conseguiriam calar esta voz, que, no intuito de que o monstro fôsse descoberto, vinha fazendo uma campanha tendente a que as acusações que se erguiam contra a sinistra criatura que dá pelo nome de António Maria, também conhecida por António da Praça, fôssem refutadas e, quando o não fôssem, como aliás o não foram até hoje, não pudesse haver dúvidas de que fôra êsse indivíduo quem pretendera matar um prêso, acto abjecto que só podia ser perpetrado pelo último dos facínoras.

Recordam-se os leitores que Manuel Vieira, ao mesmo tempo que naquela sua carta apresentava os sinais do seu vil agressor, cujo nome aliás ignorava, pedia que as autoridades levassem à sua presença os cinco indivíduos que o acompanhavam na noite do repugnante atentado, a fim de entre eles indicar o autor da façanha, que pela primeira vez vira naquela noite.

Em qualquer país onde as autoridades tivessem o sério propósito de descobrir o criminoso, não seria necessário que a vítima lançasse tal convite, porque das próprias autoridades partiria a iniciativa. A polícia de segurança do Estado, porêm, tam solícita em lançar as garras, geralmente sem pretexto plausível, a indivíduos que defendem ideas, não se dignou até hoje levar a efeito qualquer diligência no intuito de descobrir o autor da agressão a um prêso que essa mesma polícia mandara seguir para uma esquadra, e muito menos poz perante a vítima, conforme esta pedira, os indivíduos que na noite da trágica façanha a acompanharam.

A polícia de segurança do Estado procede talvez assim por não ter necessidade de descobrir um criminoso—que ela conhece melhor que ninguêm, mas a quem quer poupar, talvez por lhe dever assinalados serviços...

A Batalha publica hoje uma outra carta do prêso, onde novas revelações são feitas, carta que é inutil, pelos motivos anteriormente indicados, para a polícia, mas que mais luz vem fazer sôbre a negra façanha.

Leiam-na os leitores e hão de concordar que à face dela desaparecem tôdas as hesitações sôbre os propósitos dos que *guardavam* o prêso.

Camarada redactor:—Como sabe, quando do traiçoeiro atentado contra mim, levado a efeito por um grupo de cinco indivíduos que faziam parte da escolta que me conduzia para a esquadra do Caminho Novo, pedi, por intermédio de *A Batalha*, que esses indivíduos viessem à minha presença a fim de reconhecer qual deles é o bandido que, em circunstâncias tam traiçoeiras, me tentou assassinar pelas costas.

Foi feito em vão o meu pedido, pois que já são decorridos 16 dias sem que até à data tenham vindo à minha presença a fim de que se faça luz, muita luz. E', pois, nestas circunstâncias que me dirijo á *Batalha* para novamente repetir o convite à polícia ou ao sr. ministro da justiça, pois que as autoridades competentes, as que dizem ter vontade em descobrir os sicários que me tentaram assassinar, só o poderão fazer mandando vir à minha presença os ditos componentes da escolta negra.

Para os trabalhadores, assim como para as pessoas que, não o sendo, raciocinam sem paixão, tenho a certeza que não é preciso que as autoridades digam quem foi o algoz que me pretendeu matar, pois que eu já disse e afirmarei em tôda a parte, e bem alto, quem foi o sicário. Só o que não pude foi dizer o seu nome, mas dei todos os seus sinais. Vejam a vontade que os bandidos tinham em liquidar-me.

Visto as autoridades não se terem pronunciado sôbre o meu convite, conservando-se no mais completo mutismo, tudo leva a crer que a cilada foi de antemão preparada e talvez com conhecimento de algumas autoridades superiores. O que mais me leva a admitir esta hipótese foi o seguinte caso, que não relatei na primeira carta, porque me encontrava ainda mal ferido e mal refeito da agressão de que fui vítima, podendo-o, porêm, fazer agora, que já estou livre de perigo.

Depois de ferido, quando fui transportado ao quartel da guarda republicana, deitaram-me numa cama, tendo-se acercado de mim vários indivíduos que insistiram comigo para que eu dissesse se sabia quem me tinha agredido. Vendo um extraordinário interêsse nesta pregunta, disse sempre que não sabia, pois calculei que se respondesse o contrário me liquidariam, pois que o meu agressor tinha desaparecido, ficando no entanto os seus substitutos. Tudo isto se passou na presença do oficial da guarda e do agente Araújo. Este, querendo, poderá dizer a verdade. E' êle o único que poderá dizer a verdade, querendo. Mas não dirá, porque também está cúmplice.

Fui metido depois num automóvel e neste momento disse-me um indivíduo, que certamente supoz que eu não resistiria à agressão: «Você, que vai morrer, diga toda a verdade: Quem são os seus cumplices?»

Respondi que era sósinho e que tinha atacado o juiz por minha expontânea vontade. Preguntou-me depois o mesmo indivíduo também se sabia quem tinha sido quem me agredira. Como estas preguntas me foram feitas com tanta impertinência, ofereci dúvidas, e com razão, porque na noite em que vim do hospital para esta cadeia novamente os sicários me preguntaram, com evidente empenho, se eu sabia quem me tinha agredido, respondendo-lhes sempre que não sabia. Acompanhava-me no automóvel um rapaz novo e imberbe, que aproveitando a distracção dos outros agentes me disse as seguintes palavras: «*Eu não lhe fiz mal, pois não? O senhor sabe perfeitamente que eu não o acompanhava quando foi ferido*». ¿O que quereria êle dizer com estas palavras? E' porque alguma cousa sabia. Acho que interrogando êste indivíduo, êle poderá fornecer quaisquer explicações tendentes a descobrir esta tenebrosa meada. Não sei o seu nome. No entanto, aqui dou os seus sinais: baixinho, novo bastante, imberbe, fato escuro e chapeu branco, com fita branca, dos da moda.

Isto serve simplesmente para os trabalhadores, porque as autoridades sabem perfeitamente quem foi o bandido. Se eu peço para que os cinco individuos venham à minha presença, é para que o nosso porta-voz possa gritar bem alto o nome do bandido que não teve escrúpulo em tentar assassinar traiçoeiramente um prêso.

Julgo que as autoridades competentes é que devem atender êste meu pedido, o que todavia não farão, por não lhes convir.—*Manuel Vieira*.—(Enfermaria da Bastilha do Limoeiro).

Os camponeses expropriam as terras

ROMA, 13.—Dizem de Palermo que os camponeses procedem nos arredores de Montreal à expropriação de novas terras.—*Rádio*.

AINDA O ASSALTO Á 'BATALHA,

Mais protestos contra a ignobil façanha

Continuamos a receber as maiores provas de solidariedade da parte das classes trabalhadoras, cheias de revolta pelo infame atentado de que foi vítima *A Batalha*.

O que se vem passando com o órgão da organização operária portuguesa é a demonstração clara e evidente de quão dificil é, senão impossível, destruir uma obra que tem profundas raizes na alma popular.

Todos os trabalhadores acorrem pressurosos a prestar o seu auxílio ao seu jornal, no desejo de reparar os prejuizos causados pelo grupo de sicários que, fingindo defender a República, pretenderam fazer calar a voz da verdade e da justiça, mas só conseguindo fazer uma larga propaganda dos factos apontados pela *Batalha*.

E a justificar o que afirmamos sôbre a solidariedade do operariado para com o seu jornal, está o grande número de protestos que temos publicado e de que damos hoje mais alguns, não podendo dar-lhes o devido desenvolvimento, porque o espaço nos escasseia.

Protestos individuais e colectivos

Escrevem-nos, manifestando todo o seu protesto contra o vil assalto, os camaradas António Manuel, de Odemira; António José Roque, do Caramujo, e António Carvalho da Silva, do Pôrto, e João Jerónimo Vieira da Silva, de Lisboa.

O Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, oficianos comunicando-nos que na reünião ordinária da sua Comissão Administrativa, foi resolvido exarar na acta um voto do mais veemente protesto pelo infame e cobarde atentado.

A Associação dos Corticeiros de Portalegre na sua última reünião resolveu protestar contra o procedimento da cáfila de bandidos que praticou o vil assalto à *Batalha*.

A Liga das Artes Gráficas de Setubal, protesta contra as violências praticadas para com *A Batalha*, patenteando a sua simpatia e solidariedade, sendo seu desejo que o defensor dos operários cada vez mais e mais progrida.

A Secção dos Corticeiros de Sines, cujos sócios se encontram actualmente em greve, protestou com indignação contra o vilíssimo ataque, sendo resolvido que, quando se retomar o trabalho, todos os camaradas concorram com o seu esfôrço monetário para reparar os prejuizos.

A Associação dos Soldadores de Peniche, reünida no dia 7, em assemblea geral, lavrou o seu veemente protesto pelo cobarde atentado de que foi alvo *A Batalha*, o que nos é comunicado num ofício acompanhando a importância de 11$70, produto duma quete tirada entre os assistentes à referida assemblea.

Os corpos gerentes da Associação dos Cortadores de Lisboa comunicam-nos que na sua última reünião foi resolvido «lavrar um protesto contra o infame assalto de que foi alvo o nosso querido jornal *A Batalha*, por parte dos bandidos serventuários da burguesia».

Os Descarregadores de Mar e Terra, na sua última reünião, resolveram protestar contra a obra do *Grupo dos 13*, que assaltou cobardemente *A Batalha*, tentando assassinar os redactores.

O Sindicato Unico da Construção Civil, de Coimbra, comunica-nos que na sua reünião do dia 9 foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

«1.º Protestar enérgicamente contra as selvajarias de que foram vítimas *A Batalha* e a Federação da Indústria da Construção Civil; 2.º Saüdar o nosso órgão *A Batalha* e os seus redactores por saírem ilesos do vil atentado; 3.º Que se envie desde já em telegrama ou por ofício as resoluções tomadas.

Resolveu-se ainda retirar do cofre uma verba especial e fazer entre os sócios uma subscrição para auxiliar *A Batalha*.

Os camaradas Augusto Duarte, João Gonçalves e Fernando Casimiro Manços procuraram-nos no desempenho da missão de que foram encarregados, como delegados da assemblea geral da Casse dos Chauffeurs em Portugal, «para saüdar o intrépido defensor das classes operárias, o jornal *A Batalha*, e protestar contra o assalto de que foi vítima.»

O Sindicato da Construção Civil, de Portimão, protesta contra o assalto à *Batalha* e à sede da Federação da Construção Civil.

A Juventude Sindicalista dos Barbeiros protesta contra o atentado de que foi vítima *A Batalha*.

O Sindicato dos Manufactores de Calçado do Pôrto comunica-nos que foi resolvido «protestar contra o assalto ao nosso porta-voz bem como saüdar-vos pela vossa desassombrada atitude, na campanha contra a matulagem que pretendeu assassinar Manuel Vieira, e apelar para a classe para que preste ao nosso órgão todo o auxílio material, para que não tenha de emudecer a sua voz por falta de recursos, o que, no actual momento, seria a maior das vergonhas para o operariado português.»

O Núcleo Central da Juventude Socialista, na sua sessão de propaganda realizada há dias, aprovou por aclamação uma moção de protesto contra o assalto à *Batalha*.

Na reünião recentemente realizada pela classe corticeira de Almada, tratando-se da situação de *A Batalha*, foi resolvido, depois de terem falado vários camaradas, que condenaram a obra dos meliantes, enviar a esta redacção o seguinte documento:

Os operários corticeiros de Almada, reünidos em assemblea geral, protestam indignadamente contra o grupo de bandidos que assaltou a redacção de *A Batalha* e abraçar os seus redactores por terem saído ilesos da vilíssima tentativa.

Foi ainda resolvido, independentemente da contribuição dos corticeiros de Almada para a grande subscrição nacional pró-*Batalha*, que a Associação contribua do seu cofre com a quantia de 50$00.

Esta resolução foi tomada por alvitre do camarada João Guerreiro, sendo a proposta aprovada pela assistência aclamados de «Viva a *Batalha* e a liberdade de pensamento».

Na ocasião o camarada José Ribeiro, carpinteiro naval, que assistia à assemblea, aproximando-se da mesa entregou 2$50 para serem enviados à *Batalha*.

A Secção Metalúrgica de Almada, na sua última assemblea geral de aprovou uma moção de protesto ao vil atentado de que foi vítima o orgão da classe operária.

Os operários corticeiro do Seixal na sua reünião efectuada no dia 8 para discutir o decreto da fome o camarada Joaquim Nunes Paredes, usando da palavra, exterizou asu a repulsa pelo vil atentado de que foi alvo *A Batalha*.

O camarada Luís Gouveia apresentou uma proposta que foi aprovada por aclamação, do seguinte teor:

Proponho que se lavre um veemente protesto contra tais barbaridades; que se levante uma saüdação à *Batalha* por ela ter reaparecido com mais vida e fôrça; que se envie um fraternal abraço aos seus redactores por terem saído ilesos do atentado.

INOCENTINHOS...

Absorvidos como temos andado com assuntos de palpitante actualidade, não fizemos em devido tempo, a merecida referência a uma moção que o façanhudo *Grupo dos 13* fez publicar no diário *O Mundo*, no dia seguinte àquele em que realizou uma reünião para protestar contra a prisão dum dos assaltantes de *A Batalha*.

Ainda vimos, porêm, a tempo de dizer duas coisas.

Na tal moção, que parece redigida por um autêntico jesuita, tal a duplicidade que revela, começa-se por dizer, como para justificar a proeza, que durante o consulado de zembrista foram assaltados vários jornais não tendo sido os seus autores castigados, e diz-se depois que o assalto à *Batalha*, «sendo um atentado á liberdade de imprensa, *pode ser também origem da sua propaganda dissolvente e difamatória das autoridades constituidas*», o que deixa transparecer—e não nos repugna acreditar que seja realmente assim—que o gesto dos assaltantes terá sido visto com agrado pelas autoridades contituidas, algumas delas tendo porventura tomado parte na função.

Nas conclusões do referido documento afirma-se que a prisão do *consócio* Jaime de Castro, um dos assaltantes, foi «uma artimanha preparada por elementos *dissolventes* e *indisciplinados* (sic), afirmando-se ainda que à hora do assalto se encontrava o virtuoso moço muito distante do local, em convívio com pessoas de familia...

Há equívoco, e dêsse equívoco participa *O Mundo*, de ontem, que numa local sob o titulo *Uma prisão injustificada*, repete que à hora da façanha se encontrava o *dedicado republicano* em local distante do edificio de *A Batalha*.

A verdade é esta, segundo o insuspeito testemunho do próprio heroi, que no dia que se seguiu ao assalto foi visto em frente do edificio de *A Batalha* e reconhecido por camaradas nossos, como sendo um dos meliantes: na ocasião do assalto veio êle, que é um *dedicado republicano* e sócio do *Grupo dos 13*, a esta casa... a fim de ver um amigo que então aqui trabalhava.

E os outros matulões, que aqui entraram numa ocasião em que não estávamos preparados para lhes fazer a merecida recepção também não o fizeram por mal. Apenas para nos cumprimentarem...

Ferroviários do Estado

Nota oficiosa

A comissão de melhoramentos dos ferroviários do Estado conferenciou ontem, pelas 13 horas, com o sr. ministro do comércio sôbre as reclamações da classe, assistindo a essa conferência os srs. director do Minho e Douro, Artur Mendes, o presidente do conselho de administração, Pinto Osório, e Santos Viegas, chefe do serviço de tracção do Sul e Sueste.

Em seguida, a mesma comissão procurou avistar-se com o conselho de administração, sendo recebida pelo sr. Francisco Cruz, que declarou estar o conselho na disposição de não receber ferroviários, cumprindo assim as instruções do ex-ministro Cruz Azevedo, ratificadas pelo actual ministro do comércio e tendo palavras insultuosas para a classe ferroviária, palavras que vieram abrir um conflito entre o conselho e a mesma classe. Sôbre a mina de Santa Suzana ficou o ministro de dar hoje uma resposta à referida comissão.

A propósito desta nota, que nos foi enviada pela comissão dos ferroviários do Estado, sabemos ter a atitude do conselho de administração provocado na classe geral descontentamento, que seguramente a levará a manifestar-se contra a falta de consideração do conselho e a atitude do ministro do comércio, o qual, arrastado, ao que parece, por influências perniciosas, se dispõe a levar os ferroviários a um acto de violência, que estes tentam evitar.

A Batalha encontra-se à venda na Rua da Bica do Sapato, 16-A

A BATALHA
:: :: no Pôrto :: ::

Os ferroviários do Minho e Douro, depois de tratarem dos seus interêsses de classe, dão a sua adesão à Confederação Geral do Trabalho

PORTO, 9. — Sob a presidência de Joaquim Ramos Vieira, reuniram, na respectiva Associação de Classe União Ferroviária, os empregados do Minho e Douro. A assemblea foi bastante concorrida e a ordem da noite constava de interêsses morais e materiais para a classe. Lida a acta, vários camaradas falaram sôbre os assuntos a tratar, referindo-se alguns deles, depois, à compra de acções do órgão operário *A Batalha*, bem como à necessidade de se tirar manifestos de propaganda para seu auxílio monetário. Ficou resolvido, depois de discussão viva e interessante a respeito do desenvolvimento e perseguição movida ao aludido órgão da organização operária, que, em tôdas as ocasiões possíveis, se dê cumprimento àquela solidariedade indispensável para a existência de *A Batalha*.

A seguir, entrou em discussão a edificação da sede social da União Ferroviária, interessando-se nela diversos camaradas, que optaram para que tal construção seja feita o mais breve possível. Referindo-se à lei do funcionalismo público, travou-se uma acalorada discussão entre alguns presentes, apresentando Alvaro Pereira o seguinte documento:

1.º ¿São ou não incluidos, na lei de equiparação, todos os serventuários dêstes caminhos de ferro?

2.º No caso afirmativo, ¿quais as vantagens que lhes adveem dessa equiparação?

3.º Deve solicitar-se um mapa demonstrativo dos vencimentos máximos, em 1914, do pessoal do Arsenal do Estado, investigando-se se a êste lhe convém a citada equiparação; e, finalmente, saber-se se o pessoal dos serviços congeneres dêstes caminhos de ferro terão direito a tomar como base esses salários.

Debatida a doutrina do aumento, êste baixou à comissão administrativa para deliberar.

Nesta altura, usa da palavra o presidente da comissão administrativa da União, Francisco do Silva, que, feitas várias considerações sôbre organização, declara que um dos assuntos a tratar é a adesão da União Ferroviária à Confederação Geral do Trabalho; achando-se incompetente para discutir as vantagens daquele organismo superior do trabalho, indica para o fazer o secretário geral da Confederação, que se encontra na sala.

Antes, porém, o camarada Carlos Guimarães referiu-se à forma como a classe ferroviária tem procedido desde a realização do último Congresso Operário Nacional, efectuado em Coimbra, onde ficára resolvido levar-se a cabo o Congresso Ferroviário, de onde sairia a constituição da Federação dos Transportes Ferroviários. Espraiou-se em várias considerações sôbre as vantagens da propaganda associativa e da adesão à Confederação, a qual determinará, não só uma maior fôrça do operariado em geral, mas também da classe em especial.

Dada a palavra ao camarada Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T., êste expôz, sucinta mas claramente, todos os benefícios de ordem moral unificativa e, portanto, de elevação profissional e emancipação social, que resultam da potência que a C. G. T. vai adquirindo com a adesão de classes como as ferroviárias. Abordou a próxima transformação social, que, de resto, já evidencia os seus inícios, e a qual há de entregar a todos os trabalhadores os instrumentos produtores. As doutrinas que a Confederação procura incutir no espírito dos proletários foram sancionadas, no Congresso de Coimbra, pela organização operária de todo o país, e elas visam à liberdade económica e social de todos quantos se honram pelo trabalho fecundo e útil ao ser humano. Esplanou ainda a tarefa do Comité Confederal para dar cumprimento à missão de que foi incumbido. Quanto às palavras proferidas por Carlos Guimarães, àcêrca da propaganda associativa que é necessária fazer, à Confederação competir-lhe há auxiliá-la no máximo das suas possibilidades, muito principalmente estando a classe ferroviária no seu seio.

Depois do camarada Manuel Joaquim de Sousa falar, que foi, durante perto de uma hora, escutado com interêsse, o camarada Fernando Gonçalves Pereira apresentou uma moção que, depois de vários considerandos, termina pelas seguintes conclusões:

«1.º Votar, desde já, a sua incondicional adesão à Confederação Geral do Trabalho, por ser o único organismo que genuinamente representa o proletariado do país;

2.º Aconselhar a restante organização ferroviária do país, visto que está em espírito com a C. G. T., a aderir imediatamente a êste organismo, como sendo o primeiro passo necessário que pode apressar a realização do Congresso Nacional Ferroviário, de onde, por êste mesmo motivo, sairá mais forte e potente a futura Federação Ferroviária Portuguesa, absolutamente imprescindível para a defesa dos nossos interêsses—da nossa emancipação integral.»

Carlos Guimarães diz que, na sua qualidade de delegado representante desta colectividade ao Congresso realizado em Coimbra, dá o seu voto à moção, tanto mais que êle, em conjunto com os delegados dos outros organismos operários representados no dito Congresso, votou a constituição da Confederação. Aprovando uma assemblea transacta todos os seus actos desempenhados no Congresso Nacional Operário, implicitamente a classe reconheceu e aprovou a criação da C.G.T. Nesta conformidade, votando a adesão a um organismo confederativo que reconheceu e aprovou, procede coerentemente :—está dentro da lógica e do dever.

Lionidio Lopes apresentou uma proposta que termina:

«Que a U. F. V. se filie na C. G. T. no mesmo momento que a Sul e Sueste o faça.»

Vários oradores, entre eles Augusto Moreira, discordam também que a adesão seja dada nesta assemblea, estabelecendo-se viva discussão.

Submetida à aprovação a moção de Fernando Gonçalves Pereira, é aprovada por maioria—isto é, a União Ferroviária deu a sua adesão à C. G. T.

Por último, Salvador Soares referiu-se à questão das subsistências, apresentando uma proposta para que a União Ferroviária publicamente levante o seu mais veemente protesto contra o aumento do pão.

A assemblea terminou às 24 horas.

Um manifesto

A propósito, convem frizar nestas colunas que a União Ferroviária e a Delegação de Viana, representadas, respectivamente, pelos dedicados camaradas Carlos José da Silva, Guimarães, Fernando G. Pereira, Bernardino Pinto da Costa e Eduardo Arlindo Guimarães, tiraram um manifesto-apêlo pró-jornais operários *A Batalha* e *Bandeira Vermelha*, dirigido aos ferroviários do Minho e Douro. Do manifesto, porque o grupo «Pró-imprensa Operária» assim o deseja, transcrevo os seguintes trechos:

Num momento histórico como êste, em que os grandes órgãos de informação estão enfeudados às poderosas empresas e companhias, dizendo só o que lhes convém e fazendo o jôgo dos *trusts* e, portanto, pouco se preocupando com a acção dos assambarcadores que nos impele à mais degradante miséria,—deixar morrer a imprensa operária, aquela que nos põe a nú tôdas as tracticâncias e tratantices; aquela que não se corrompe com o dinheiro dos especuladores da miséria pública; aquela que traduz vigorosamente todos os nossos justos protestos e a nossa mais veemente indignação contra a corja de mandriões que sugam o suor do nosso trabalho—, seria um crime monstruoso deixar desaparecer essa imprensa, o que mais alentaria os nossos tiranos políticos, económicos e sociais a cravarem-nos mais fundo ainda as suas garras adúncas.

A Batalha, como os camaradas devem saber, é o diário da Organização Operária Portuguesa, destinado à defesa dos interêsses morais, intelectuais, profissionais e materiais das classes produtoras e, portanto, dos ferroviários também; e a *Bandeira Vermelha* é o semanário defensor audaz dos grandes ideais de transformação social e advogado duma sociedade nova onde a felicidade humana seja um facto e não um mito.

Logo, pois, estes dois jornais, incansáveis moneiros da liberdade pura, merecem a nossa atenção, e esperançados ficamos que êste nosso apêlo, como também se fez no nosso boletim, a *União Ferroviária*, não foi em vão.

Contribuindo, pois, para *A Batalha* e *Bandeira Vermelha*, contribuis para vós mesmos, para um futuro melhor daqueles que vos são queridos.

Por isso, camaradas: Auxiliai monetariamente estes órgãos, cuja leitura é um dos meios da nossa educação social.

As assinaturas satisfazem-se bastando escrever para a sede da vossa associação—a União Ferroviária, ou para a Delegação de Viana—, endereçando a correspondência para o grupo *Pró-imprensa operária*.—C.

As greves

Pessoal da Fábrica dos Armazens do Chiado

Por não terem sido atendidas as suas reclamações de aumento de 30 0|0 aos seus salários e sôbre a falta de cumprimento do horário de trabalho, declararam-se na sexta-feira em greve os operários da fábrica dos Armazens do Chiado, sita na rua da Bombarda. Os operários da construção civil e metalúrgicos que ali trabalham, acompanharam no movimento os seus camaradas dos tecidos de seda e malhas.

De manhã o pessoal fizera a greve de «braços caídos», mas tendo saído para jantar, quando voltou, pelas 13 horas, estava encerrada a fábrica.

Os proprietários da referida fábrica tinham pedido ao pessoal para fazer duas horas suplementares durante os meses de Junho e Julho, a fim de poderem satisfazer uma determinada encomenda. Passaram-se aqueles dois meses e as horas suplmentares continuaram, o que constituiu um abuso, contra que o pessoal vinha reclamando.

O gerente da fábrica foi à província conferenciar com os proprietários da fábrica, sôbre a atitude do pessoal, que ninguém que tenha um pouco de consciência pode condenar, pois o constante aumento do custo da vida é que impele os operários à greve.

Porêm ontem a comissão dos grevistas conseguiu avistar-se com um dos proprietários, que respondeu que esperava o regresso do gerente para solucionar o conflito.

Os operários entregaram-lhe a seguinte nota das reclamações:

1.º. Que sejam aumentados os salários do pessoal em 30 0|0 sôbre os salários que vinham nas 10 horas de trabalho, que tinham nos últimos tempos, e 40 0|0 de aumento para o trabalho de empreitada.

2.º. Que seja rigorosamente cumprida na fábrica a lei do horário do trabalho.

3.º. Que sejam pagos todos os dias, excepto os domingos, que o pessoal esteja em luta.

4.º. Que ao terminar o conflito e o pessoal retome o trabalho, não sejam exercidas represálias de qualquer espécie.

Os grevistas pedem a todos os operários que não vão trabalhar para aquela fábrica, emquanto não se solucionar o seu movimento.

EM SINES

Os corticeiros continuam em greve

SINES, 9.—C.—Mantêm-se a greve da classe corticeira. Na reünião de hoje foi resolvido que caso os fabricantes não atendam a reclamação da classe durante a semana corrente, que da próxima segunda feira, 13, em diante seja incluída na dita reclamação o pagamento dos dias em greve até à solução do conflito. Esta resolução vai imediatamente ser participada à Federação, á qual foi confiada a direcção do movimento. Foi autorizado um embarque de cortiça de uma das fábricas de S. Tiago. A classe continua firme e vigilante.

SINES, 12.—C.—Sem a mínima defecção, continua a greve dos corticeiros, estando a classe disposta a prosseguir na luta encetada até que justiça lhe seja feita.

Consta que os industriais contam com alguns componentes da classe marítima para traír a greve. E' opinião geral que êsses camaradas não se prestarão a desempenhar tam vil papel, emporcalhando a sua dignidade.

Do que se fôr passando informaremos a *Batalha*, a Federação e tôda a organização operária.

EM SANTARÊM

Terminou com uma vitória a greve dos manufactores de calçado

SANTARÊM, 10.—C.—Após 15 dias de luta, terminou ontem com uma vitória para a classe a greve dos operários manufactores de calçado, sendo recebida na assemblea ontem realizada, a participação dos industriais, concordando com as reclamações apresentadas, podendo os operários retomar o trabalho, pois segundo a referida participação não seriam exercidas represálias contra nenhum grevista.

Na assemblea tomaram a palavra vários oradores, entre eles António Joaquim Nunes, Manuel da Silva, Adriano e José Balofo, que tiveram palavras de encorajamento para a classe, aconselhando que ninguêm fôsse trabalhar para casa do industrial Santos, por ter sido êle o mais renitente.

Todos os oradores foram muito aplaudidos, erguendo-se vivas à Federação de Calçado, Couros e Peles, Associação dos Manufactores de Calçado de Lisboa, C. G. T., *Batalha*, etc.

Finda a sessão, o camarada António Pires felicitou a classe dos manufactores de calçado em nome das Artes Gráficas, que se achavam reünidas para tratar das suas reclamações.

O correspondente de *A Batalha* felicitou em nome do jornal a classe vitoriosa e agradeceu a manifestação feita pela assemblea ao porta-voz da classe trabalhadora.

EM ABRANTES

Os manufactores de calçado

ABRANTES, 13.—C.—Devido às vexatórias tabelas por que estão recebendo, os camaradas manufactores de calçado declararam-se em greve na passada quarta-feira.

E' inacreditável que estes chefes de família podessem ter trabalhado até esta data ao abrigo duma tabela que só os srs. oficiais... do exército acharão demasiada.

Imagine-se que um dêstes operários recebe (oh! irrisão!) 2$50 pela manufactura de um par de botas com rastos polidos, e 2$30 com rastos em branco, o que dá em resultado que um dos melhores e mais desembaraçados artistas nunca consegue, trabalhando de sol a sol, desde segunda-feira ao meio dia de domingo, mais do que 12$00 de féria!

Apresentaram aos patrões uma tabela com o aumento de 50 0|0, que não foi aceite. Pudéra! pois se êles só aceitam tabelas com 100 0|0... sôbre os fregueses!...

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALH

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Operários manipuladores de pão

Realizou-se ontem, pelas 11 horas, uma importante assemblea magna da classe dos manipuladores de pão, para tratar do aumento de salários.

Ao abrir a sessão, o presidente, Marques Diniz, expoz qual era o fim da reünião e pediu a união da classe para levar as coisas a bom termo.

Em seguida, falou o camarada Vasquez, que mais uma vez salientou o mutismo da Moagem e os esforços titânicos feitos pela direcção e camaradas a ela agregados para que o aumento de salários fôsse um facto quanto antes.

Aludiu ainda aos processos governamentais e da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, chamando a atenção dos manipuladores para a falta de escrúpulos dessas entidades.

Também se referiu à greve da classe, que considera inevitável e pediu a todos a maior união para o que de futuro venha a suceder.

Seguidamente falaram os camaradas Gonçalves e Borges, que seguiram na mesma ordem de ideas.

Pelo camarada Torcato foi apresentada uma moção que foi aprovada por unanimidade, protestando contra a não permissão de circular *A Batalha* e á proibição das reüniões contra o decreto do pão, reclamando do govêrno mais prudência na execução de ordens e mais liberdade de pensamento e reünião.

Por último foram submetidas à aprovação da assemblea mais duas propostas, uma em que a classe manifestava tôda a solidariedade à sua congénere de Setúbal e outra criando comissões por freguesias.

COOPERATIVA DOS CATRAEIROS

Inauguração de mais um barco a gasolina

Como noticiámos, realizou-se anteontem a inauguração do terceiro barco a gasolina da Cooperativa dos Catraeiros do Pôrto de Lisboa.

O baptismo do barco teve lugar no Pôrto Brandão, sendo-lhe dado o nome de *Adelaide*.

Ao acto assistiu grande número de camaradas que à causa social dedicam tôda a sua atenção, usando da palavra Francisco Cristo, pela *Batalha*, Alberto das Neves e Francisco Direitinho, que falaram sôbre o significado daquela manifestação da consciência operaria, tendo agradecido por parte dos catraeiros o camarada José de Almeida.

Houve também manifestação especial para o cooperador dos camaradas catraeiros, o construtor naval sr. João Maria Gato, sob a direcção de quem se encontram construindo mais duas lanchas a gasolina que brevemente serão lançadas à agua.

Durante o passeio que a lancha *Adelaide* deu no rio, para experiência, foram cantados os hinos da *Batalha*, *Internacioual*, etc.

Vida cara e difícil

Toucinho podre

Procurou-nos o operário Bernardo Ruivo, rua Vicente Borga, 62, 2.º, mostrando-nos um pedaço de toucinho comprado na mercearia de Casimiro José Barbosa, sita no n.º 75 daquela rua, toucinho que estava podre.

Indo a mãe do referido operário reclamar ao mercieiro, êste respondeu que o toucinho não estava podre, mas deteriorado.

O *espertalhão* do que não foi capaz foi de restituir o dinheiro à pobre criatura que, além de o perder, ainda ficou com o jantar inutilizado.

Na Junta de Paróquia do Sacramento

Vieram à nossa redacção Joaquim Carlos de Macedo, rua da Condessa, 31, 5.º, Samuel de Almeida, rua da Condessa, 49, 3.º e Alvaro Gonçalves, rua da Condessa, 40, loja, queixar-se que a Junta da Paróquia do Sacramento está procedendo por uma forma injusta com a distribuição do açúcar, pois que emquanto a umas pessoas fornece um quilo, a outras só dá meio quilo, com a agravante de faltarem 20 e 30 gramas no péso.

Distribuição de açúcar

A Junta de Freguesia da Encarnação, pede-nos a publicação do seguinte:

«Avisamos os paroquianos que se encontra açúcar à distribuição nas mercearias desta freguesia, mediante a apresentação das respectivas cadernetas, terminando essa distribuição impreterivelmente no dia 20 do corrente. Mais se avisa os habitantes da freguesia que ainda não receberam cadernetas, a irem buscá-las à sede desta Junta na segunda-feira, das 17 ás 20 horas e dias seguintes à mesma hora.

VIDA POLITICA

Centro Socialista do Monte Pedral.—Este centro reúne hoje, pelas 21 horas, na sede, rua da Graça, 162, 1.º, E., para eleição dos delegados aos próximos congressos socialista e do livre pensamento.

Juventude Socialista (Núcleo Central.)—Realiza-se hoje a assemblea geral, para nomeação dos delegados ao Congresso do P. S. P.

Na quinta feira terá lugar na sede dêste núcleo, rua do Bemformoso, uma reünião exclusivamente de elementos anti-intervencionistas, para tratar de assuntos de carácter partidário.

Busca infrutífera

Contam-nos que a polícia de segurança do Estado passou anteontem uma busca em casa do operário João Maria Lourenço, morador na rua do Século, 18, 1.º, nada encontrando de suspeito.

Porque seria?

A questão das carnes

Uma comissão delegada da Associação dos Cortadores de Lisboa procurou ontem avistar-se com o ministro da agricultura, a fim de entregar-lhe uma representação e um parecer tendentes a solucionar a questão das carnes. Não conseguiu, porêm, a referida comissão falar com o ministro, que a fez apresentar ao novo comissário dos abastecimentos, que, como é costume, prometeu ir estudar o assunto, devendo receber os representantes da referida associação na quinta-feira.

UNIVERSIDADES, ACADEMIAS E ESCOLAS

Operários do Arsenal de Marinha.—Encontra-se aberta a matrícula para a aula diurna, do curso infantil de instrução primária, que funciona neste sindicato, devendo os interessados dirigir-se à comissão administrativa do mesmo, a qual tem a seu cargo regular a admissão dos candidatos.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Mobiliário.—Reüniu na passada sexta-feira a assemblea geral, a qual apreciou diverso expediente, entre êle um ofício da U. S. O. de Guimarães que notificava ter-se constituído uma comissão pró-presos por questões sociais, apelando para a solidariedade de todo o proletariado para custear as despesas do julgamento de alguns camaradas que foram processados pelo grande crime de se insurgirem no julgamento contra um padre assambarcador, resolvendo a assemblea que baixasse à comissão administrativa para estudar a melhor forma de auxiliar esses camaradas.

Pela comissão organizadora do Congresso foi notificado os resultados dos seus trabalhos no Sul e Norte do país, e carecendo de mais verba para a realização do Congresso, foi resolvido que seja retirada do cofre sindical a quantia necessária para a sua efectivação.

Apreciando as selvajarias praticadas pelo grupo carbonário «os 13» contra o nosso jornal *A Batalha*, no qual destruiram o mobiliário, alguns camaradas imediatamente se ofereceram para consertar todo o mobiliário gratuitamente, mostrando assim a sua solidariedade para com o grande paladino das massas trabalhadoras.

A comissão revisora de contas de auxílio ao cofre sindical e camaradas desempregados apresentou o seu parecer, sendo o mesmo aprovado.

Apreciou devidamente o caso do cobrador Guilhermino Anselmo, que procedeu incorrectamente, sendo aprovada a sua eliminação.

Foi aprovada uma moção saudando e dando o apoio moral à organização operária de Setúbal que, lutando a braços com a miséria e já não se fiando nas promessas governamentais, declarou a greve geral como sinal de protesto.

Pela comissão da caixa de solidariedade foi notificado o funcionamento da mesma, ficando para ser apreciado na próxima assemblea, que se realiza esta semana.

Conselho Técnico e de Melhoramentos.—Reüniu ontem êste conselho, tendo apreciado vários assuntos, entre eles o que diz respeito à especialidade dos estofadores.

Sindicato Unico Metalúrgico.—*Secção de Almada.*—Com grande concorrência realizou-se a assemblea geral, assistindo um delegado do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato, que expoz qual a orientação a seguir pela classe na defeza dos seus interêsses, mostrando o plano dos industriais com respeito ás horas suplementares. A assemblea, na sua maioria composta do pessoal da oficina e doca da casa Parry & Sons, afirmou que jámais faria horas suplementares, que não fossem pagas a 100 0|0.

A assemblea, reconhecendo a necessidade dum forte organismo metalúrgico no concelho, votou a imediata transformação da Secção em Sindicato Unico, nomeando uma comissão de sete membros para a sua constituição e funcionamento, que começará em Outubro próximo.

Falaram diversos camaradas sôbre a nova organização que despertou grande entusiasmo entre os presentes.

Sindicato Unico da Construção Civil.—*Comissão escolar.*—Reüniu ontem, tratando de diversos assuntos e resolvendo abrir as matrículas para as aulas diurna e nocturna de instrução primária estando as de desenho abertas desde 15 do corrente até 1 de Outubro.

Deliberou ainda promover uma conferência sôbre o tema *A Instrução*, a qual será brevemente anunciada.

Empregados do Estado.—Reüniram ontem na sede da sua Associação alguns funcionários do ministério das Finanças para nomearem os seus delegados junto da comissão que está tratando da equiparação de vencimentos, devendo estes delegados reunir àmanhã, segunda feira, juntamente com os dos outros ministérios para darem início aos seus trabalhos.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho central, para tratar de regularisar a publicação do *Gráfico*. E' da máxima conveniência a comparência do todos os delegados.

União dos Barbeiros.—Realiza-se hoje, pelas 20,30, na sua sede, uma sessão magna, para a qual são convidados sócios e não sócios, para tratar das reclamações em trânsito sobre aumento de salário.

Manufactores de Artigos de Viagem.—Reúnem hoje, pelas 21 horas.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reúne àmanhã a comissão administrativa, sendo da máxima conveniência que todos os membros compareçam, bem assim os delegados respectivos à U. S. O e C. G. T.

Operários de Limpeza e Sanidade Pública.—Reúnem hoje, pelas 21 horas, para assuntos de alta importância.

Pede-se que ninguêm falte. Pede-se também a comparência dos tesoureiros.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo da Indústria do Mobiliário.—Reúnem hoje, pelas 20 e meia horas, as comissões administrativa e de propaganda.

Pede-se aos camaradas que teem em seu poder listas de subscrição a favor dos presos por questões sociais, o favor de entregá-las o mais breve possível.

Núcleo da Construção Civil.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assemblea geral, para apreciar o aumento da cota, as teses de *Educação* e *Organização* e outros assuntos e nomear delegados ao Congresso.

Núcleo das Artes Gráficas.—Reúniu a comissão administrativa dêste núcleo, apreciando assuntos internos, e tratando da realização da próxima assemblea, que se realiza hoje, apelando para a consciência de todos os jovens gráficos afim de que não faltem.

UMA VIOLÊNCIA
A ajuntar a tantas outras

A polícia impede que se realise uma reünião de elementos socialistas

Reüniu hontem, no Bemformoso, com grande concorrência do proletariado de ambos os sexos, e de tôdas as confissões políticas e económicas, uma assemblea pública convocada pelo Grémio Socialista de Lisboa e presidida por Ladislau Batalha, para se lavrar solene protesto contra a carestia da vida e apresentar os alvitres necessários para pôr termo à ganância das *fôrças vivas* e impedir que continue o definhamento da família portuguesa.

Depois do discurso de abertura, em que o presidente, com entusiasmo, poz em evidência os abusos da carestia resultantes do consórcio criminoso entre as *forças vivas* e os governos da burguesia, seguiram-se no uso da palavra Sousa Neves e Conceição Vasques.

Na ocasião, porêm, em que êste último iniciara o seu discurso, entraram os janízaros da polícia que, em nome de ordens superiores, intimaram o encerramento da sessão e a evacuação das salas.

Neste momento vibrou, unísona e rancorosa, uma explosão de brados contra aqueles que, depois de condenarem o povo à fome e à miséria, nem ao menos lhe querem deixar o direito de se queixar.

Pobre República! Triste democracia!

O corpo directivo do Grémio Socialista de Lisboa, querendo ainda admitir que esta violência da autoridade fôsse mais devida a má interpretação, do que ao espírito criminoso de defender os assambarcadores e envenenadores do povo, faz a convocação da assemblea para hoje, às 21 horas, no mesmo local, rua do Bemformoso, 150, 1.º, para continuação dos trabalhos, devendo o povo ali concorrer.

Ultimas notícias

EM ITÁLIA

Chegar-se há a acôrdo?

ROMA, 13.—O *Avanti* publica uma notícia anunciando que a reünião do comité de agitação teve que ser adiada por causa da ausência de vários dos seus membros, motivo porque tôdas as decisões sofreram atraso.

Considera-se geralmente êste adiamento como uma tática conciliadora destinada a facilitar o acôrdo.—*Rádio.*

Tumultos, mortos e feridos em Trieste

ROMA, 13.—Em Trieste produziram-se de novo graves desordens.

O entêrro do operário morto anteontem serviu de pretexto para um conflito com as tropas.

Durante quatro horas desenrolaram-se nas ruas da cidade verdadeiras batalhas, do que resultaram ficar mortos um paisano, um carabineiro, tendo havido igualmente uns trinta feridos.

Os sindicatos decretaram a greve geral por 24 horas.—*Rádio.*

Os operários de Livorno lançam ao mar um contra-torpedeiro

ROMA, 13.—Os operários do estaleiro naval de Livorno procederam por si mesmo ao lançamento dum contra-torpedeiro.

O casco, sôbre o qual fluctuava o pavilhão vermelho e negro entrou no mar ao grito de «Viva o socialismo» lançado pela assistência.

Segundo o costume da marinha italiana, a nova unidade foi baptisada. Era madrinha a sr.ª Mascagni, mulher do célebre compositor, que se encontrava entre as personalidades que presidiam à cerimónia.—*Rádio.*

Em Espanha

Julga-se que em breve se solucionem os conflitos de Rio Tinto

RIO TINTO, 13.—Continuam as conferências sôbre os conflitos, julgando-se para breve a sua solução.—*Rádio.*

As operárias cigarreiras ameaçam com a greve geral

MADRID, 13.—Na Casa do Povo realisou-se um «meeting» a favor das cigarreiras associadas protestando contra a protecção que a Companhia dos Tabacos dispensa às suas colegas não associadas, ameaçando a greve geral em tôdas as fábricas de Espanha.—*Rádio.*

Na Rússia Vermelha

¿Graves desordens em Petrogado? Ou sera veneno?...

COPENHAGUE, 13.—Produziram-se graves desordens em Petrogado. Foram mortos e lançados no Neva vários comissários do povo.—*Rádio.*

A greve da fome

Além de Lord Mayor de Cork, 11 presos encontram-se em idênticas circunstâncias

LONDRES, 13.—Os 11 presos que fazem a greve da fome na prisão de Cork enviaram um telegrama a Mac Sweney dizendo:

«Estamos na mesma situação; porêm, não cederemos; antes morrer».—*Rádio.*

AINDA OS ASSALTOS

O funeral de Casimiro da Silva

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral dêste desditoso operário, morto por um cabo de polícia, conforme noticiámos, na rua Maria Pia, na noite em que se deram os assaltos às padarias.

Seu cunhado David Moreira da Silva, pede-nos que lembremos êste facto ao conhecimento de tôdas as pessoas amigas, a fim de prestarem a derradeira homenagem ao infeliz.

O funeral sai da Morgue, para o cemitério dos Prazeres.

Empregados Menores dos Correios e Telégrafos

Da comissão de melhoramentos da Associação de Classe recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Ao contrário do que parte da imprensa tem afirmado, a publicação do decreto que concede o pagamento a dobrar de serviço extraordinário não beneficiou tôda a classe, mas sim um reduzido número que executa êsses serviços.

O descontentamento entre o pessoal menor continua latente, dado que apresentou várias reclamações, entre elas maior subsídio para fardamento, visto que os vinte e quatro escudos anuais que em Lisboa e Pôrto percebe e que na província não vai além de doze escudos, são insuficientes, e o seu vencimento diário ser tam exiguo que se torna com êle impossível fazer face à crescente carestia da vida. Além dêstes factos, as perseguições últimamente feitas teem continuado por uma forma acintosa, o que tem contribuído para o grande número de pedidos de licença ilimitada.»

Prisões arbitrárias

Foram ontem presos, quando andavam distribuindo uns manifestos convidando a classe para uma sessão magna, os operários alfaiates Anibal da Silva, Guilherme de Almeida e Abel Sales.

Mais uma arbitrariedade a juntar a tantas outras...

I Congresso Nacional Mobiliário

Para apreciar diverso expediente ultimamente chegado e também as últimas duas teses a levar ao Congresso, reúne hoje, pelas 21 horas prefixas, a comissão organizadora, devendo comparecer todos os seus componentes.

Sociedades de Recreio

Associação Concentração Musical 24 de Agosto.—(Banda da República).—Nesta prestimosa sociedade começaram anteontem e continuaram ontem as festas do seu 55.º aniversário. Anteontem houve alvorada pela banda da sociedade; às 14 horas matinée, às 16 abertura da quermesse e concêrto musical pela banda da Sociedade Esperança e Harmonia, que foi muito justamente aplaudida e em seguida baile que decorreu com extraordinária animação.

As vastas salas da sociedade estavam artisticamente ornamentadas e iluminadas.

Grupo Dramático «Os Auxiliadores».—(Alto do Pina).—Comemorou anteontem a passagem do seu 2.º aniversário, realizando uma sessão solene, em que se fizerám representar diversas colectividades operárias e recreativas.

Dada a palavra ao representante de *A Batalha*, o nosso camarada Joaquim Cardoso, êste referiu-se à violência da autoridade que não permitiu que o grupo fizesse a sua alvorada, emquanto que ali bem perto estalavam os morteiros e os foguetes em homenagem a um chefe de polícia. Termina apontando a miséria dos trabalhadores, incitando-os a organizarem-se e a instruirem-se, para que em breve alcancemos a emancipação. Ao concluir as suas palavras foi feita uma bela manifestação à *Batalha*, dando-se vivas à organização operária.

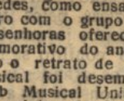
Foi lida uma comovente carta do camarada João Francisco, que se encontra a ferros da República, e que, como sócio, saudava o Grupo.

Bazilio Tavares, à frente duma comissão de senhoras, ofereceu uma nova bandeira e entregou uma rica facha de seda ao presidente, o camarada Jaime dos Santos, que agradeceu comovido.

Falaram ainda: Francisco Marques, pela Secção do Alto do Pina; Abel de Lemos, pelo Grupo «Os Choras»; Augusto S. Cruz, pelos bandolinistas «Os Titulares».

Alfredo Guedes, como ensaiador, inaugurou um quadro com o grupo scénico. Uma comissão de senhoras ofereceu um bonito quadro comemorativo do aniversário, sendo inaugurado o retrato de José Moreira.

A parte musical foi desempenhada pela banda do Club Musical União. As festas continuam no próximo domingo.



Para **Lagos, Portimão, Faro e Olhão.** Sairá no dia 15 do corrente o vapor *Mindelo*, para carga e passagens.

Companhia Nacional de Navegação

Rua do Comércio, 85

Um "bolxevista"... como tantos outros

Desde sexta-feira que se encontra preso num dos quartos particulares do govêrno civil o camarada Elisio Esteves, de Vizeu.

Este camarada, que se tem dedicado à defeza da causa dos trabalhadores, é acusado de bolxevista, já agora um *cliché* demasiadamente batido com que tôdas as autoridades justificam as prisões que efectuam, quantas vezes por mesquinha vingança, e tem uma parte carregada, como tôdas aquelas de que usam os profissionais da polícia, parecendo que vai ser julgado no tribunal militar.

E' um nunca acabar de casos desta natureza, sendo evidente e incontestável a falta de miolo daqueles que se julgam senhores disto, aproveitando-se, à falta doutro processo para cevaram os seus ódios, em qualificar aqueles que não lhes agradam de bolxevistas ou coisa semelhante, certos de que satisfazem assim os seus instintos preversos.

Se mais escrupulosos fôssem, não privariam muitas famílias dos seus entes queridos, aqueles que são o seu único amparo.

TEATROS & CINEMAS

Festas artísticas

E' hoje que no Trindade se realiza, como já se anunciou, a festa artística da popular e graciosa actriz Julieta Rodrigues, com um programa muito interessante. Nesta festa da simpática actriz, que o público de Lisboa tanto aprecia, representar-se há a engraçadíssima revista «Chá e Torradas» e vários número de variedades.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21,30—«Os Lobos».
GINÁSIO—A's 21,15—«O Ás».
TRINDADE—A's 21,15—«Chá e Torradas», revista.
POLITEAMA—A's 21,30—«Duas causas».
EDEN—A's 21—«Sem camisa», revista.
APOLO—A's 21,45—«Risos e Flores», revista.
GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas-feiras, o drama «Suplício de uma mulher» e 1 acto de variedades.

Ministério das Finanças

Direcção Geral da Fazenda Pública

Repartição de Finanças

Em harmonia com o despacho de S. Ex.ª o Sr. Ministro das Finanças, de 6 de Setembro de 1920, anuncia-se que se recebem propostas para colocação de capitais em bilhetes do Tesouro, não só nos lugares em que habitualmente se faz êsse serviço, como sejam a Direcção Geral da Fazenda Pública, em Lisboa, e as Direcções de Finanças das sedes dos distritos do continente, mas também, e excepcionalmente, na sede do Banco de Portugal, na Caixa Filial do Pôrto e demais agências do mesmo Banco, nos distritos e nos bancos e banqueiros no final designados, com as seguintes condições:

1.ª As propostas serão feitas em carta fechada e apresentadas em qualquer dos locais citados até 20 do corrente;

2.ª Os bilhetes do Tesouro a que se refere o presente anúncio serão nominativos ou ao portador, passados a seis e doze meses da data, por quantias não inferiores a 1.000$, isentos do imposto de sêlo nos recibos e endossos e do imposto de rendimento;

3.ª A taxa de juro dos bilhetes não poderá ser superior a 6 por cento para os de seis meses de praso e 6 1|4 por cento para os de doze meses, pagando-se os juros adiantadamente e pela totalidade;

4.ª As propostas cujo invólucro terá bem legível as palavras: «Propostas para tomar bilhetes do Tesouro», deverão designar por extenso a importância dos bilhetes que o proponente se obriga a tomar, a taxa mínima do juro até o limite fixado na condição 3.ª e a quantidade de bilhetes nominativos e ao portador;

5.ª A abertura das propostas efectuar-se há públicamente na Direcção Geral da Fazenda Pública, às 14 horas do dia 25 do corrente, e no mesmo dia e hora nas direcções de finanças, fazendo-se a adjudicação com preferência a quem menor juro oferecer, e em igualdade de juro, para os tomadores de maior importância e maior praso.

6.ª Serão passados aos proponentes recibos pelas importâncias respectivas entradas no Banco de Portugal e nas suas agências, em conta do Tesouro, representativas dos bilhetes tomados, liquidando-se e pagando-se os juros correspondentes.

7.ª Os bilhetes emitidos pela Direcção Geral da Fazenda Pública com as formalidades legais serão entregues contra a apresentação daqueles recibos nos mesmos locais onde forem passados.

8.ª Será abonada a comissão de 1|2 por cento ao ano aos proponentes que se obriguem a tomar 100.000$ ou mais, e a de 1|4 por cento ao ano aos que não atinjam aquela cifra e excedam a de 50.000$.

Bancos e banqueiros—Lisboa

Banco Auxiliar do Comércio.
Banco Colonial Português.
Banco Comercial de Lisboa.
Banco de Crédito Nacional.
Banco Economia Portuguesa.
Banco Espírito Santo.
Banco Industrial Português.
Banco Internacional de Comércio.
Banco Lisboa & Açores.
Banco Nacional Ultramarino.
Banco Português e Brasileiro.
Companhia Geral de Crédito Predial Português.
Crédit Franco-Portugais.
London & Brazilian Bank Limited.
London & River Plate Bank Limited.
Montepio Geral.
Dias, Costa & Costa.
Fonsecas, Santos & Viana.
Henry Burnay & C.ª
José Henriques Tota & C.ª
Nápoles & C.ª
Nunes & Nunes, Limitada.
Pinto & Sotto Mayor.
Sociedade Torlades.

Bancos e banqueiros—Pôrto

Banco Aliança.
Banco Comercial do Pôrto.
London & Brazilian Bank Limited.
Banco do Minho.
Banco